

SÍNTESE FINAL DOS GRUPOS DE TRABALHO

Newton Aquiles Von Zuben

INTRODUÇÃO

A principal descoberta deste século de pesquisa e de ciência é, provavelmente, a profundidade de nossa ignorância da natureza. Essa idéia de François Jacob, Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina, ano de 1965, conclui sua interessante, agradavelmente provocadora, obra *O rato, a mosca e o homem* (1998). O contexto no qual se inserem as reflexões de Jacob é o das Ciências Biológicas e a Genética. Emblematicamente, coloca, no título da obra, o homem em último lugar! Evidentemente não expressa nenhuma conotação de eventual avaliação ou valorização, não importa que critérios sejam escolhidos numa eventual comparação entre essas três ordens de seres vivos. Nessa obra, o eminente cientista trata da pesquisa, de sua importância, de seus limites e desafios, rupturas, desconfortos, do caráter essencial da imprevisibilidade nas investigações científicas dignas desse nome, dos diversos patamares da investigação; da distinção e correlação entre pesquisa básica e pesquisa aplicada, de como nesta sabemos o que procuramos enquanto que naquela ignoramos completamente.

Em sua conclusão nos alerta: o grande perigo para a humanidade não é desenvolver o conhecimento. É a ignorância.

As ciências, as tecnociências, em suma, o saber e prática científicos realmente nos fazem pensar. Investem sobre nós, insistentemente, questões tais como: que dilemas estão presentes nas investigações científicas, hoje? Que relações as mais adequadas instituir entre a ciência e a sociedade? Como entender e avaliar, no horizonte humano, a crescente dependência da civilização ao domínio das tecnociências? A racionalidade científica está no epicentro de um intenso debate e de processos de crítica severa. Inúmeras obras dedicadas aos “valores e limites da ciência”. A confiança sem limites, movida por um otimismo sem freios, nos poderes e nas potencialidades das ciências, cede o lugar, com impressionante rapidez, a uma crescente fragilização da fé nesses poderes, cristalizada numa atitude de recusa, de medo, justificado ou não, mas real, para com as ciências. De uma posição científicista, predominante até recentemente, para uma posição anticientífica, o salto da linha divisória foi marcante e decisivo. Em outros termos, de uma sobre-valorização extremada das ciências como bem absoluto, solução para todos os males da humanidade e geradora do progresso da civilização, para uma apreciação dessas ciências como algo intrinsecamente maléfico, o passo foi curto. Toma corpo, em todas as partes do mundo, a preocupação com a dimensão ética das pesquisas científicas. Daí o avanço considerável que conhecemos hoje no campo da Bioética.

E mais, importam e adquirem relevância peculiar as preocupações com o “fazer-ciência”; não só os efeitos, ou os produtos da atividade científica e tecnológica, mas o processo da construção, a dinâmica dos procedimentos e a própria gênese da atividade científica estão no centro das atenções das reflexões epistemológicas da atualidade. Tais preocupações, como o “fazer-ciência”, são múltiplas e diferem segundo a perspectiva a partir da qual pensamos esse “fazer-ciência”. Aí intervém igualmente o interesse que preside o enfoque escolhido: seja o da produção da ciência, a sua divulgação ou o consumo de suas descobertas e de seus produtos.

O expediente em se distinguir investigação quantitativa e investigação qualitativa (não importa, no momento, analisar os critérios que tenham precedido tal redução) que é observado atualmente no mundo científico, denota a decisão de se fazer, face a um dos problemas reconhecidos, a saber, o da inflação ou explosão do saber ao longo da história recente das ciências, desde a revolução científica. Analisar e entender a explosão do saber significa, manifestamente, estudar ao mesmo tempo a invasão de um certo científicismo em todos os domínios da atividade humana, mas também, sobretudo, admitir a realidade da mudança flagrante ocorrida na essência mesma do saber científico, assim como em sua aparência externa.

A explosão do saber científico é patente nas crescentes ramificações e no surgimento de novos setores de investigação que se afirmam com direitos de cidadania no mundo científico não somente enquanto domínios independentes de pesquisa válidos em si, mas também enquanto ciências particulares engendradas precisamente em razão do desenvolvimento, em novas direções, de ramos científicos já existentes. É da interdependência reconhecida e preconizada em todos os quadrantes, tanto nas ciências exatas como nas humanas, que resulta toda nova criação de disciplinas científicas, ao mesmo tempo em que a legitimação desta no seio da hierarquia das ciências. As razões desta fragmentação do saber não são unicamente teóricas, mas resultam igualmente de exigências que se fazem sentir no plano da aplicação, no plano tecnológico das disciplinas já existentes. Toda uma rede de ligações e relações mútuas facilita tal fragmentação que não poderia, desse modo, ser concebida de outro modo que como um desenvolvimento orgânico, respondendo a reais necessidades da ciência, assim como a aspirações que suscitam previsões relativas ao futuro do homem, caso contrário, correria o risco de parecer um movimento gratuito.

A fragmentação em questão não é, senão, o resultado de mudanças ocorridas no seio da ciência em geral e encaradas de fora. Vista de seu interior, a explosão de saber parece como uma implosão, isto é, como um fenômeno comparável ao precedente, com a única diferença que ele se produz em sentido inverso. No campo científico tal implosão destrói, particularmente, o equilíbrio instável das condições que asseguram a permanência da estrutura profunda do sistema de saber estabelecido no passado. Por outro lado, tal implosão se apresenta como um efeito resultante de um conflito necessário internamente ligado à interação de forças que representam impulsões dinâmicas de proveniência e orientação opostas e que, em dado momento, cessam de se anularem mutuamente, desencadeando assim uma série de reações em cadeia até que um novo equilíbrio instável possa se estabelecer. Enfim, tal implosão oferece, à condição de ser suficientemente controlada, a ocasião e a possibilidade de uma revisão profunda da situação e estados precedentes e a promoção de uma reestruturação parcial ou total dos elementos que constituíam anteriormente o edifício científico. Tal projeto crítico de revisão poderia ser feito segundo um desenho e um modelo que possa assegurar a instauração de um novo equilíbrio instável capaz de expressar o dinamismo das ciências em relação a todas as forças exercidas do exterior. Um exemplo eficaz de revisão que destaca a relevância da ciência na sociedade contemporânea é dado pelo testemunho significativo ocorrido recentemente com a realização do Congresso Mundial sobre a Ciência, em Budapeste-Hungria, em 1999, patrocinado pela UNESCO. Ao final, os 150 países participantes assinaram a Declaração sobre ciência e o uso do conhecimento científico. Em anexo, decidiram por uma Agenda para a ciência: marco de ação. O Congresso de Budapeste revela a tentativa de enfrentar uma questão delicada na sociedade contemporânea no início desse século, a saber, a instauração de um novo pacto em novas bases, das relações entre ciência e sociedade. Os estudos visando redimensionar o binômio Ciência-Sociedade têm como tarefa a instituição de novas políticas públicas propondo, entre outros pontos aprofundar, no âmbito de debates democráticos, a regulamentação social das mudanças tecnocientíficas.

Explosão e implosão dos saberes, em especial o científico, são, pela força das coisas, fenômenos intimamente relacionados. Constatar, avaliar e elaborar um repertório dos principais resultados da implosão atualmente constatada, embora bem complexa, não é tarefa impossível a se realizar. O presente Seminário de Pesquisa Qualitativa está animado, também, por esse propósito. De pronto, nota-se uma crise de consciência da parte dos próprios cientistas e pensadores no que diz respeito ao fundamento epistemológico de suas atividades; em seguida, um profundo senso crítico com relação à questão da pretendida, e por muitos sustentada, hierarquização dos domínios do saber e das disciplinas que são suas respectivas expressões e, finalmente, um questionamento rigoroso dos métodos empregados à luz de novos meios de que dispõem as ciências graças ao mais recente desenvolvimento da técnica e da importância crescente que adquire a tecnologia para a aplicação dos princípios científicos. Onde o caráter supostamente dominante das denominadas ciências exatas, com o perigo que tal pretendida hegemonia representa para a liberdade da ciência, liberdade que não pode se desvincular dos direitos de pensamento, expressão eminente da consciência humana.

O equilíbrio instável a ser estabelecido em breve dependerá da gestão das conquistas científicas assim obtidas, segundo novo modelo que responderá do modo mais adequado possível ao princípio já há muito conhecido da interdisciplinaridade e da complexidade, da religação dos saberes, na expressão de Morin.

Nesse horizonte, adquire relevância especial a problematização das investigações dos fenômenos sociais. A questão que se apresenta: qual a estrutura de significação própria ao conhecimento científico quando está em jogo uma realidade na qual o homem está presente como sujeito da ação? Ao se admitir a entrada em cena da “ação humana”, ipso facto surge o complexo universo das motivações, dos valores, dos interesses e desejos, em suma, o mundo do sentido. Adrede a isso se impõe a indagação: que abordagem a ser escolhida quando o que está no foco da investigação é uma realidade humana, em que pese à ambigüidade de tal expressão; realidade estética, psíquica, social, política, econômica e, sobretudo, ética. E mais, uma investigação para a qual não se permite evadir-se da linguagem do sentido.

Tal é, no meu entender, em traços esquemáticos e sucintos, o horizonte conceptual de problematização a partir da qual se apresentam a análise das Pesquisas Qualitativas, objetivo desse II Seminário Internacional de Pesquisa Qualitativa, nas suas mais variadas vertentes e orientações epistemológicas, cada uma delas abordada por eminentes especialistas, filósofos e cientistas.

Permitimo-nos supor que na realidade histórica de seu “fazer-se”, os processos científicos ou as práticas científicas estão animadas por uma intencionalidade constituinte que, passo a passo, confirma-se a si mesma na própria dinâmica dos procedimentos que traz à luz, ao mesmo que tempo que institui suas potencialidades e virtualidades. A pesquisa é uma atividade incoativa, tateante, não reconhece, de certo modo, uma norma precisa a priori, sem cair na cilada oposta da arbitrariedade. Isso significa que ao fazer-se ao desenvolver-se cria suas próprias normas. As pesquisas visam, ao mesmo tempo, à construção de um saber, a apuração constante de uma metodologia e a instauração de uma norma. A motivação, que anima um Seminário como o presente, é direcionada para o propósito de entender a atividade de investigação na sua dinâmica prospectiva. Uma análise crítica levada a efeito pela epistemologia tenta compreender não meramente a ciência constituída e a miríade de seus métodos, mas, sobretudo orientar seu foco de análise à gênese dos procedimentos, suas condições de possibilidade, as intuições, os métodos e critérios de autocrítica.

A relevância a ser conquistada pelas Pesquisas Qualitativas é razão direta de sua credibilidade e de sua capacidade compreensiva e explicativa na solução de problemas. É razoável supor que a aceitação social do conhecimento produzido está ligada à correspondência entre esse conhecimento, com seus princípios e valores, e o mundo real e da subjetividade dos indivíduos.

OBSERVAÇÃO.

A partir daqui serão expostos os relatórios produzidos pelos diferentes Grupos de Trabalhos durante a realização do Seminário. Tentarei estabelecer uma articulação entre as diferentes idéias e propostas relativas a cada corrente metodológica: a Fenomenologia, a Etnometodologia, Dialética, Interacionismo Simbólico e História Oral.

USC, DEZEMBRO DE 2003